



NA ERA VENENOSA NASCE A ÚLTIMA QUE MORRE: AUTORRETRATO POETICAMENTE POLÍTICO NAS ARTES VISUAIS CONTEMPORÂNEAS

JESSICA FERNANDES DA PORCIUNCULA¹; RENATA AZEVEDO REQUIÃO²

¹Universidade Federal de Pelotas – jesspor@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ar.renata@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Reflexão crítica cultivada no campo das artes visuais contemporâneas, conversa que enlaça camadas de cunho poético e político, elucida a construção de autorretratos simbolicamente poéticos e poeticamente políticos. Com foco na análise de um conjunto de obras de arte, de minha autoria, realizadas entre 2020 e 2021. Tal produção floresce na pesquisa que realizei no PPG em Artes Visuais da UFPel, linha de Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, bolsista CAPES DS e integrante do grupo de pesquisa CNPq “Artefatos para leitura e construção do pequeno território”, coordenado por Renata Requião. Dentre as obras, realço as fotografias *na era venenosa*, 2020 (Figura 1) e *nasce a última que morre*, 2021 (Figura 2), autorretratos que intitulam esta reflexão.



Figura 1: Obra *na era venenosa*, 2020. Fonte: Acervo pessoal.

Figura 2: Obra *nasce a última que morre*, 2021. Fonte: Acervo pessoal.

A investigação das possíveis concepções imagéticas acerca das múltiplas ideias de uma identidade brasileira e contemporânea desencadeia uma produção de autorretratos. Imagens a partir de meu corpo e desdobramentos de elementos da natureza, símbolos nacionais e de cultura popular, com títulos de escrita poética, de sentidos dúbios e plurais. A fim de alargar as margens de sentido e significado numa produção de arte política e nas venturas do pensamento crítico e contemporâneo (RANCIÈRE, 2012). Assim como o artista brasileiro Paulo Nazareth, componho simbolicamente com a imagem de meu corpo e mestiçagem, como um resgate identitário, ora mulher, latina, negra ou indígena (NAZARETH, 2012). Identificar-se como nativo de uma terra é o início de qualquer ideia de identidade. Ancestralmente sabemos que a humanidade não deveria ser vista de forma separada da natureza, como se esta fosse um habitat, mas como se fossem a mesma, perder essa percepção é como perder a memória ou um



familiar (KRENAK, 2020). Da ilha Brasil, na névoa da poesia nacional, me atento a um processo de criação poética e política que refletiu o sentido das relações entre indivíduos, formas artísticas, forças políticas, a natureza e sobretudo, o gosto da vida (VELOSO, 2017).

2. METODOLOGIA

A fotografia de autorretrato é uma linguagem simbólica acerca da representação de alguém, a legitimação de uma autoimagem, onde um corpo fica em pose a fim de ser identificado, semelhante às fotografias para documentos. Como processo artístico, é contraditoriamente de mínima e máxima representação, a realização necessita apenas a imagem do corpo em contexto, compor com a própria imagem não é compor o tempo todo, mas ter sempre acesso à materialidade de feitura de obra. Na obra *na era venenosa* (Figura 1), uma mulher indígena, camuflada à vegetação da erva daninha e da folha de *monstera*. A proporção e posição da folha lembram uma auréola ou coroa, como uma vestimenta divina ou da realeza. A cor verde e as formas da cabeça, folha e fundo lembram vagamente a bandeira do Brasil. No título se pode ver referências às plantas *heras venenosas*, que causam alergia ao contato com a pele, como também às eras como marcos temporais datados a partir de fatos históricos notáveis globalmente.

Na obra *nasce a última que morre*, 2021 (Figura 2), em uma floresta o mesmo corpo brota dentre *monsteras*, de espécie popularmente conhecida como *costelas de adão*. A obra propõe uma profecia, segundo MANCUSO (2019), as plantas são capazes de resistir a repetitivos eventos catastróficos sem perder funcionalidade, pois possuem um modelo de composição modular mais resistente que a dos animais. Para KRENAK (2020), quando desconsideramos os sentidos da natureza, quando despersonalizamos um rio ou montanha, nos tornando órfãos da própria Terra. O ditado popular “a esperança é a última que morre”, impulsiona o título da obra, uma sabedoria coletiva e supersticiosa, que gramaticalmente apresenta o sujeito da frase por sua ação e qualidade, não entregando tão claramente sua identidade. Dando tom profético a obra, que dialoga criticamente com o mito cristão da primeira mulher, Eva, criada das costelas de Adão, expulsos do paraíso por comer justamente o fruto do conhecimento.

Entre outros autorretratos pertinentes a conversa trago: *respiradores*, 2021 (Figura 3), onde o mesmo corpo em fundo preto tem aspecto doente e veste luto, segura uma folha que cobre nariz e boca. O título faz referência tanto ao processo de fotossíntese que gera oxigênio, quanto aos aparelhos de respiração hospitalar. O formato da folha lembra um bico de pássaro, um dos animais mais responsáveis pelo reflorestamento – que sutilmente sobrevoa as florestas. A série de autorretratos *Skin Care*, 2020-21 (Figura 4), cuja tradução é “cuidado com a/da pele”. Diferente das obras anteriores, aí eu estou vestida e à mostra, enquanto meu rosto está coberto por planta ou fruta, e o fundo da fotografia, revela diferentes paredes, dando a ver um ambiente domesticado. Contextualmente, as camadas de sentido nas obras alcançam, com a pandemia do vírus Covid-19, o descaso de nossa política com a gravidade da situação, a crise sanitária e florestal, a falta de leitos e respiradores nos hospitais, o maior índice de desmatamento de todos os tempos, a bancada de evangélicos ruralistas no Congresso Nacional, e as indústrias de beleza. Além de esperançosamente resgatar o matriarcado de Pindorama e a sábia poesia do povo e da terra.

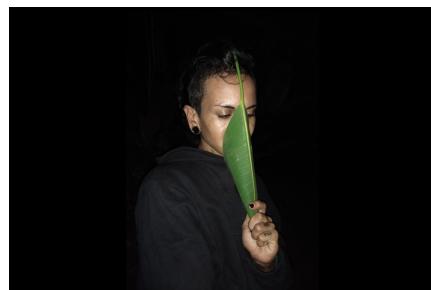


Figura 3: Obra *Respiradores*, 2021. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 4: Série *Skin Care*, 2020-21. Fonte: Acervo pessoal.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa não se encerram nas obras, mas buscam reconhecer um método criativo e crítico de autorretratos poeticamente políticos. No conjunto das obras, o corpo anteriormente doente, envenenado, recorre a natureza, se cura e renasce, como nos ciclos naturais. Entre camadas de subjetivação e sentido: a comparação ao sociopolítico através de uma obra poética, de força performática, na qual o corpo ali encenado representa um povo, o coletivo, certa individualidade geral – tomada a partir do corpo negro-índio de uma mulher; a doença que nos agrava advinda da sociedade baseada no medo e nas disputas acirradas pelo capitalismo; a cura que nitidamente tem origem na natureza. Essa é a dona do corpo, a mais antiga de nós e a última a morrer.

Na obra *Falta*, 2018 (Figura 5), com a bandeira e uma bola de futebol, símbolos nacionais, critica a exaltação futebolística, frente ao sucateamento da cultura e da educação no país. Na obra *Bola Fora*, 2021 (Figura 6), os mesmos objetos num autorretrato. Para RANCIÈRE (2012), “o artista crítico sempre propõe produzir o curto-círcuito e o choque que revelam o segredo ocultado pela exibição das imagens”, dando a ver um efeito duplo, tanto de tomada de consciência sobre a realidade ocultada quanto sobre o sentimento em relação a esta realidade. Na obra, o corpo com a cabeça de bola é submetido a consumir a realidade. No título a expressão “bola fora”, frequente nos jogos, é popularmente dita quando alguém faz um comentário indevido, ou fora de hora.

O artista Paulo Nazareth, na obra *Pão e Circo*, 2012 (Figura 7), três autorretratos com pães amarrados nos olhos, ouvidos e boca, a partir da figuração dos macacos que, acríticos, nada vêem, nada ouvem, nada dizem, aponta para o desinteresse governamental em solucionar a fome no país, porém empenhado maliciosamente em entretê-lo, como nas antigas políticas romanas. Realidades social e artística se apoiam, a partir do trabalho com elementos poéticos e simbólicos, na percepção crítica de fatos históricos e contemporâneos.



Figura 5: Obra *Falta*, 2019. Fonte: Acervo pessoal.

Figura 6: Obra *Bola Fora*, 2021. Fonte: Acervo pessoal.

Figura 7: Obra *Pão e Circo*, 2012, de Paulo Nazareth. Fonte: Site do artista.

4. CONCLUSÕES

O autorretrato nas artes visuais contemporâneas sempre compõe simbolicamente a imagem física do artista com os elementos que o acompanham. Paulo Nazareth denuncia a fome de um povo, que tem traços negros e indígenas, eu trabalho minha imagem com consciência estética aprendida com meus pares artistas, e consciência histórica e simbólica sentida na pele com meus traços. Reconheço o entrelaçamento dos vários contextos que englobam meu campo de atuação, políticos e poéticos, que assim me possibilitam novas formas de subjetivação para que o pensamento crítico esteja presente nas obras.

Por um lado, incendiada pelo sentimento social de sobrevivência à pandemia contemporânea brasileira, tanto a aguda do vírus Covid-19, quanto a crônica do descaso do atual (des)governo a educação, cultura e saúde nacionais. Por outro, sinto germinar em solo fértil uma percepção poética e crítica, também esperançosa, ao investigar as relações do corpo com a natureza, como um processo de cura nesta era tão venenosa. Sigo atenta ao ciclo de retroalimentação possível entre o simbolicamente poético e o poeticamente político.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MANCUSO, S. **Revolução das plantas: um novo modelo para o futuro**. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

NAZARETH, P. **Paulo Nazareth: arte contemporânea/LTDA**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2012.

RANCIÈRE, J. **O espectador emancipado**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

VELOSO, C. **Verdade Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.